

## Santo Dias, reflexões sobre a análise da “construção memória” de um operário.

CARLOS ALBERTO NOGUEIRA DINIZ\*

Nas sociedades atuais a questão da memória vem sendo uma problemática constante das ciências humanas e biológicas. Em relação a história são crescentes os números de acervos, arquivos e sistemas de informação que trazem e são responsáveis por registrar as representações mnemônicas e rememorativas das sociedades.

*Muito esforço, em vez disso, tem sido ainda dedicado a estabelecer fronteiras entre a História e a memória, o que só tem sentido não do ponto de epistemológico, mas tomando-se a memória ( e as diversas práticas de seu contexto) como objetos da análise e do entendimento do historiador. Em suma, já seria tempo e tem havido apelos nesse sentido de começar a fazer uma História da memória, que seria não apenas a história das teorias sobre a memória, mas se imbricasse nas práticas e representações mnemônicas e rememorativas das sociedades e grupos, incluindo seus suportes e estratégias de apropriação, tendências, móveis, conflitos, efeitos, reciclagens, etc...(MENESES, 1999,p.11)*

Segundo Meneses tem havido um esforço de estabelecer uma separação entre a História e a memória, portanto, surge a possibilidade de constituir-se em uma História da memória, suas construções, apropriações e não apenas restringir-se a análise das teorias da memória. Fazer uma História da memória, esse será o meu objetivo nesse trabalho, ou seja, analisar a construção da memória do operário Santo Dias da Silva.

O objetivo de uma História da memória não é legitimar ou “resgatar” memórias perdidas, mas de analisar e problematizar a construção da mesma. Segundo Meneses a busca da identidade e de reivindicações através da memória tem levado cada vez mais especialistas a dedicarem-se ao tema.

A historiografia mesmo contribuindo para construção da mesma, também exerce o papel muitas vezes de desconstrução da memória estabelecida, principalmente aquela constituída segundo os interesses de grupos dominantes.

É preciso lembrar que também não se trata de exaltar a memória dos dominados em contraposição a perspectiva dominante ou de procurar “a verdade a partir dos

---

\* Pós-Graduação UNESP Assis SP. Mestrando em História Política.

vencidos”, pois os discursos mesmo dos vencidos também contem construções, lacunas e silêncios que cabem ao historiador dialogar com esses vários discursos.

No caso do operário Santo Dias a sua memória presente em documentos escritos durante sua vida não é numerosa, considerando que vivia em uma realidade em que as dificuldades em sobreviver e conseguir satisfazer as necessidades básicas de sua família era grande, portanto diferentemente de intelectuais ou grandes personalidades, a memória escrita de Santo Dias durante o período que estava vivo resume-se a correspondências, alguns documentos e entrevistas. Após a morte de Santo Dias existem vários relatos, textos, composições relatando e ajudando a constituir a memória de Santo Dias.

Ao analisar a construção da memória de Santo Dias não pretendo exaltá-lo enquanto “herói da classe operária” em contraposição aos personagens que costumam figurar enquanto protagonistas do processo de redemocratização e luta contra a ditadura no Brasil, mas perceber a partir dos fragmentos que constituem sua memória, silêncios, lacunas e construções que ajudam a compreender parte importante da participação popular na resistência e difusão de espaços alternativos de democracia e organização social.

A memória pode servir para diversas finalidades entre elas, para legitimar ações políticas do presente, a busca de identidades, inventar e destruir tradições. A história que na mitologia greco-romana é representada por Clio uma das nove musas filhas da deusa Mnemosine ( Memória), busca em suas diversas tendências e propostas participar dessa inquietante batalha pela memória.

*Mnemosine - A memória personificada, filha de Urano (o Céu) e de Gaia (a Terra), é uma das seis Titanides. Durante nove noites seguidas Zeus a possuiu na Pieria e dessa união nasceram as nove Musas. As nove filhas de Mnemosine (a Memória) e Zeus. Além de inspirar os poetas e os literatos em geral, os músicos e os dançarinos e mais tarde os astrônomos e os filósofos, elas também cantavam e dançavam nas festas dos Deuses olímpicos, conduzidas pelo próprio Apolo. Na época romana elas ganharam atribuições específicas: Calíope era a musa da poesia épica, Clio da História, Euterpe da música das flautas, Erato da poesia lírica, Terpsícore da dança, Melpomene da tragédia, Talia da comédia, Polímnia dos hinos sagrados e Urânia da astronomia. (KURY, 1990, p.405)*

Analisar a construção da memória de Santos Dias significa refletir também sobre parte da memória do movimento sindical e social brasileiro e sua importância no processo de redemocratização do Brasil. A manutenção e agregações de elementos sobre esse personagem também refletem anseios políticos, enfim, propostas de novas lutas dentro dos dinamismos e inquietações presentes na sociedade.

Ao propor uma abordagem sobre a memória do operário Santo Dias da Silva é também trazer para atualidade questões que nortearam sua luta e também inquietam aqueles que se encontram nas “fileiras” da luta contra a desigualdade, a exclusão e a exploração ainda tão presentes na sociedade brasileira atual.

Podes-se através dos fragmentos de registros de sua vida simples, encontrar peculiaridades e sutilezas do seu cotidiano que mesmo pequenas revelam aspectos brutais e desumanos que encontraram eco em grande parte da vida dos trabalhadores brasileiros.

A tese de que os vencedores escrevem sua própria história e também a dos vencidos tem por objetivo construir imagens e representações, tanto para glorificar os feitos de alguns quanto para ocultar aspectos da ação e da vida de outros que foram submetidas ao silêncio eterno da morte. Mas, a história não pode se prestar a essa tarefa de esconder os vencidos e os mortos que resistiram historicamente.

A autora Eclea Bosi em seus estudos sobre a memória dos “velhos” fala sobre a ruptura das relações e realizações humanas geradas pela sociedade industrial capitalista, conseqüentemente o esquecimento e o anonimato dos trabalhadores:

*“Quando as mudanças históricas se aceleram e a sociedade extrai sua energia da divisão de classes, criando uma série de rupturas nas relações entre os homens e na relação dos homens com a natureza, todo sentimento de continuidade é arrancado de nosso trabalho. Destruirão amanhã o que construímos hoje.” ( BOSI,1994, p.77)*

A história não pode ser feita com sentido permanente e único; ela é múltipla e descontínua, portanto, é possível retomá-la lá onde esteve suspensa e conforme o sentido construído pelos vencedores.

O objetivo deste trabalho será o de construir, dentro dos limites possíveis, o sentido histórico de um personagem social que se envolveu num movimento em torno de lutas sociais coletivas numa sociedade marcada por ausência de direitos e liberdades.

O uso da biografia na história é tão antigo, quanto o próprio ofício do historiador, desde a antiguidade, as biografias de ilustres personagens, reis e heróis tem fascinado gerações de leitores e amantes da história.

*... Como “domínio” da história, praticamente se confunde com este “genero” historiográfico ou literário que já é conhecido desde a Antiguidade. Se for possível situar a Biografia como domínio tão perene e duradouro quanto a própria História, pois, ao que se sabe, os homens de todas as épocas sempre foram freqüentadores assíduos deste fascinante campo de estudos que poderia ser chamado de “História das Vidas Humanas”. (BARROS,2004, p.187)*

Durante o século XX, historiadores influenciados pela Escola dos Analles e pelo marxismo deixaram a abordagem biográfica em segundo plano. Mas estas posições estavam ligadas justamente em uma tentativa de ruptura com a história dos grandes personagens e heróis nacionais no século XIX. Alias, esta era uma das criticas mais recorrentes na Escola dos Analles.

*...Os historiadores profissionais já não o discutem: a Biografia é banida para um limbo, para um espaço especial entre a História e a literatura que será pouquíssimo frequentado pelos historiadores acadêmicos...Literatos e diletantes invadem prazerosamente este antigo domínio historiográfico, abandonado pelos pregadores dos Annales e dos novos marxismos da primeira metade do século XX. (BARROS,2004, p.188)*

Isso ocorreu na academia entre os historiadores profissionais, já que no mesmo século XX, as biografias de personagens políticos, artistas e outras

celebridades fizeram e ainda fazem um grande sucesso, basta lembrar biografias recentes feitas por escritores com Rui Castro que retrataram as vidas do jogador de futebol Garrincha e da cantora Carmem Miranda. As biografias têm atingido o grande público, mas seria melhor se fossem feitas por historiadores, claro que com uma abordagem que fosse além das curiosidades e de idealizações.

*... Embora apreciada do grande do grande público e dos romancistas, ela suscitou a indiferença e a desconfiança dos historiadores, pois estes consideravam que o relato da vida de um individuo não poderia ser objeto de um autêntico trabalho de historiador. Portanto, a inclusão da biografia no campo da história foi uma evolução reveladora das questões inerentes á disciplina...<sup>1</sup>(CANDIOU, 2007, p.187)*

Depois de quatro décadas<sup>2</sup>, os historiadores retomam o gênero biográfico, Carlo Ginzburg com a obra *O Queijo e os Vermes*<sup>3</sup> utiliza-se do personagem Menoquio para poder analisar e perceber realidades mais amplas, não se trata em analisar simplesmente o individuo isolado em si mesmo nem de fazer dele apenas um sujeito dentro de uma conjuntura social, a partir do moleiro herege Ginzburg almejou perceber as trocas culturais, ou seja, expressar o conceito de circularidade cultural.

Para o historiador Giovanni Levi a Micro-história significa estudar coisas pequenas, mas o objetivo é estudar coisas grandes. Pode assim estudar uma pequena comunidade, a historia de uma pessoa mais o objetivo é sempre mais amplo.

*... Estuda-se através de uma vida com vistas a enxergar mais longe, mais profundo, mais densamente, de maneira mais complexa, ou porque o estudo desta vida permite enxergar a vida social em sua dinamicidade própria, não excluindo os seus aspectos caóticos e contraditórios... (BARROS, 2004, p.191)*

---

<sup>3</sup> GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os vermes: O Cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

Houve também o retorno da biografia de figuras ilustres por parte de historiadores como Jacques Le Goff, com biografia de São Luis e artigos sobre São Francisco e Christopher Hill com a obra “*O eleito de Deus*” na qual fala sobre a vida de Cromwell.

Hannah Arendt em sua obra “*Homens em tempos sombrios*” relata a vida de homens e mulheres que em épocas difíceis como no período da Alemanha nazista e sua ocupação na França, o papado de João XXIII durante a crise dos mísseis entre Estados Unidos e União Soviética, enfim a vida da própria autora retratada pelo historiador Celso Lafer no posfácio do livro<sup>4</sup>.

As fontes são escritas, orais, visuais, ou seja fruto de uma memória familiar e também de uma memória coletiva construída a partir de sua morte. Mas para estudar a construção da memória de Santo Dias, é necessário utilizar um conceito de memória, para isso utilizarei três autores, Maurice Halbwachs que desenvolveu um conceito de memória no qual a memória pessoal se define pela memória coletiva, Michael Pollak fala da luta entre as memórias oficiais e as memórias subterrâneas e Walter Benjamin e seu conceito de rememoração da história dos vencidos

Para analisar a construção da memória de Santo Dias é necessário ter duas perspectivas diferentes: a primeira caracteriza-se pelo operário militante e desconhecido; a segunda a figura do que seria um “mártir operário” morto pela repressão da ditadura. Antes de sua morte a memória de Santo Dias é representada pelos registros familiares e por alguns documentos referentes a sua morte e a lembrança produzida através de homenagens.

A memória de Santo Dias foi construída a partir das relações sociais e políticas que ele estabeleceu durante sua vida, mas o seu uso seja como inspiração ou homenagem esta carregada também de apropriações e porque não de idealizações da figura do operário.

A memória de Santo Dias passa a não somente pertencer a seus familiares e amigos, mas a todos aqueles buscam em sua lembrança motivações e representações políticas que estejam ligadas as causas sociais dos pobres

---

<sup>4</sup> ARENDT, **Hannah**. **Homens em tempos sombrios**. Tradução: Denise Bottmann, São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

trabalhadores do campo e das periferias das grandes cidades. Poucas situações são tão eficazes quanto o martírio para unir pessoas, basta lembrar os jovens suicidas no Oriente Médio.

*Tal sentimento de persuasão é o que garante, de certa forma, a coesão no grupo, esta unidade coletiva, concebida pelo pensador como o espaço de conflitos e influências entre uns e outros (HALBWACHS, 2004: pp.51-2).*

*A memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a “um ponto de vista sobre a memória coletiva”. Olhar este, que deve sempre ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios (HALBWACHS, 2004: p.55).*

Para Halbwachs a memória se diferencia da história oficial e é ao mesmo tempo influenciada pela mesma e pela memória coletiva, a memória do Santo Dias operário ou do mártir, essas duas visões são parte da memória e são influenciadas pela historiografia e pela memória coletiva.

*A memória individual não está isolada. Frequentemente, toma como referência pontos externos ao sujeito. O suporte em que se apóia a memória individual encontra-se relacionado às percepções produzidas pela memória coletiva e pela memória histórica (HALBWACHS, 2004: pp. 57-9).*

Para Michael Pollak é necessário trazer a tona memórias que estavam encobertas e com isso estabelecer uma luta entre as memórias oficiais e as memórias subterrâneas do silêncio.

*Não se trata de historicizar memórias que já deixaram de existir, e sim, trazer à superfície memórias “que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível” e que “afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados” (POLLAK, 1989: p. 3-15).*

A história oral, por exemplo, pode através mesmo nos momentos de silêncio e lacunas encontrar-se memórias que pelos diversos motivos estão escondidos nas falas e nos discursos.

*Mais do que isso, o que a emergência destas memórias vêm ocasionando, conforme aponta Pollak, é a disputa entre memórias ou a luta entre a memória oficial e as memórias subterrâneas. Este embate que se trava pela incorporação destas memórias marginalizadas, silenciadas, é um embate pela afirmação, sobretudo, de uma identidade que, por pertencer a uma minoria, encontra-se marginalizada (POLLAK, 1989: pp. 3-15).*

A memória de Santo Dias durante estas quase três décadas de sua morte esta sempre ligada a luta dos movimentos sociais e sindicais dos trabalhadores, a prática de sua rememoração então consiste também em uma pratica política de rememoração de seu legado. Segundo Walter Benjamin: “A história é objeto de uma construção cujo lugar não é homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ágoras...” (Benjamim, 1994, p.229)

Walter Benjamin precisou uma profunda influência do presente na construção do conhecimento histórico, o ato de reconstrução e de rememoração daquilo que estava perdido ou daqueles que foram derrotados consiste também em uma ação política no presente, a partir dessa ruptura consegue-se promover novas reflexões da realidade presente.

*Esse narrador sucateiro ( o historiador também é um Lumpensammler) não tem por alvo recolher os grandes feitos. Deve muito mais apanhar tudo aquilo que é deixado de lado como algo que não tem significação, algo que parece não ter nem importância nem sentido, algo com que a história oficial não saiba o que fazer...( GAGNEBIN, 2004, p.90)*

A autora Jeanne Marie Gagnebin trabalha a questão da memória a partir da experiência, utiliza-se justamente a perspectiva de rememoração de Walter Benjamin e a própria experiência do autor em relação ao trauma diante do contexto da ocupação nazista e no caso de Benjamin seu suicídio diante da ameaça nazista.

O historiador deve estar consciente que história é uma ação, não se limita a narrativa, mas ocupa um espaço entre os discursos e experiências humanas diversas, sendo acolhido ou não pelos pares não deixa de figurar enquanto produto social e do fazer histórico e fazer-se história.

*A configuração em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior, perfeitamente determinada. Com isso, ele funda um conceito do presente como uma agora no qual se Infiltram estilhaços do messiânico.(BENJAMIM, 1989, p.232)*

O historiador não deve procurar no passado respostas prontas e verdades absolutas, porque dessa forma estará muito mais próximo da ficção do que imagine, interpretar os fragmentos e partir desse ponto construir problematizações que não idealizem nem diminuamos homens de ontem,mas que tenham algo a dizer aos homens de hoje.

O historiador, como ser humano produto e produtor do social e refém de suas inquietudes, vagueia errante pelos caminhos e incertezas em seu intimo e o dinamismo sedento do real, do concreto que pede incessantemente repostas, atitudes no cotidiano e no solene, nos retrocessos e nas revoluções, o tempo que não espera sim permite sempre que os homens continuem pensando, olhando para frente e para trás, presentes na festa da vida e na dança da História.

Resgatar estas memórias e perceber a forma em que foram construídas pode ajudar o historiador a romper com os discursos comuns e que muitas vezes relegam a segundo plano práticas políticas e de autonomia de trabalhadores como Santo Dias que como outros grupos são marginalizados pela história oficial ou vistos como meros autômatos.

### **Bibliografia.**

ALMEIDA, Paulo Roberto. **Círculos operários católicos: práticas de assistência e de controle no Brasil.** (dissertação de mestrado) São Paulo: PUC, 1992.

ALVES, Márcio Moreira. **A Igreja e a política no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1979.

ANTUNES, Ricardo. **A rebeldia do trabalho: o confronto operário no ABC paulista. São Paulo/Campinas:** Ed. da Unicamp/Ensaio, 1988.

ANTUNES, Ricardo L.C. (1986) - **As formas da greve (O confronto operário no ABC Paulista: 1978/80)**, Tese de Doutorado em Sociologia, São Paulo, Departamento de Ciências Sociais, FFLCH, USP, mimeo.  
\_\_\_\_\_. **O novo sindicalismo.** São Paulo: Scritta, 1991.

ARENDDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. Tradução: Denise Bottmann, São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

BARROS, José d' Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis RJ, Editora Vozes, 2004.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História (1940).IN:**Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BOFF, Leonardo & BOFF Clodovis. **Como fazer Teologia da Libertação**. Petrópolis RJ, Editora Vozes, 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BRUNEAU, Thomas. **O Catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola,1972.

CADIOU, François & Outros. **Como se faz história: historiografia, método e pesquisa**.Tradução: Giselle Unti, Petrópolis RJ, Editora Vozes, 2007.

CASTORIADIS, Cornelius. **Experiencia do movimento operário**. Edição Brasileira.

FARIA, Hamilton. **A Experiência operária nos anos de resistência** - a oposição sindical metalúrgica de S.Paulo e a dinâmica do movimento operário (dissertação de mestrado) São Paulo: PUC, 1986.

“GAGNEBIN, Jeanne Marie.” Memória, História e Testemunho”, In: **Stella & NAXARA, Márcia ( org) Memória e sentimento. Indagações sobre uma questão sensível**. Campinas : ED Unicamp, 2004

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

KURY, Mário da Gama. (1990). **Dicionário de Mitologia Grega e Romana**. Jorge Zahar Editor Ltda. Rio de Janeiro, RJ

KECK, Margaret. **PT a lógica da Diferença: O Partido dos trabalhadores na Construção da Democracia Brasileira**. São Paulo, Editora Ática, 1991.

GINZBURG, Carlo. **“O Queijo e os vermes: O Cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

MARTINS, Heloísa H.T. de Souza. **O Estado e a burocratização do sindicato no Brasil**.São Paulo: Hucitec, 1978.

MARONI, Amnérís. **A Estratégia da recusa: análise das greves de maio / 78**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MENDONÇA, Sonia R. & Fontes, Virginia Maria. **História do Brasil Recente 1964-1980**. São Paulo, Editora Ática, 1998.

MENESES, U.T.B de. A crise da Memória, História e Documento: reflexões para um tempo de transformações. **IN: Arquivos, Patrimônio e memória trajetória e perspectivas.** Editora UNESP, São Paulo, 1999.

MURARO, Valmir F. **JOC: uma utopia operária?** (dissertação de mestrado). São Paulo:USP, 1984.

MOISES, José Álvaro. **Alternativas Populares da Democracia: Brasil anos 80.** Petrópolis RJ, 1982.

PENA, Felipe. **Teoria da Biografia Sem fim.** Rio de Janeiro, Mauad, 2004.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** 2ª ed. tradução Denise Bottmann. Editora Paz e Terra, 1992.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena - experiência e luta dos trabalhadores da grande S.Paulo, 1970-1980.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

VARUSSA, Rinaldo J. **Pastorais operárias: religiosidade, perspectivas e práticas políticas.**

Arquidiocese de São Paulo (1964-1975). (dissertação de mestrado) São Paulo: PUC,1995.

TELLES, Vera da Silva. **A Experiência do autoritarismo e práticas instituintes: os movimentos sociais em S.Paulo nos anos 70.** (dissertação de mestrado). São Paulo: USP,1984.

#### **Documentos.**

**Arquidiocese de São Paulo.** *Brasil: tortura nunca mais.* Pref. De D. Paulo Evaristo Arns. Petrópolis (RJ): Vozes, 1985.

**Coleção Santo Dias.** Centro de Estudos, Documentação e Memória (CEDEM) da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP)

DIAS, Luciana; AZEVEDO, Jô & BENEDICTO, Nair. **Santo Dias: quando o passado se transforma em história.** São Paulo, Cortez, 2004.

NOSELLA, Paolo. **Por que mataram Santo Dias.** São Paulo: Editora Cortez, 1980.